

UM MÊS DIFERENTÃO?

Marco Santana

Mês do desgosto, do cachorro louco, das bruxas soltas... Uma série de acontecimentos excepcionais ocorridos em agosto consolidaram no imaginário coletivo de que é preciso ter cuidado durante esta parte do ano. Mas há realmente motivo para isso?

O oitavo mês do calendário gregoriano, agosto é chamado assim em homenagem ao imperador romano César Augusto, que, com inveja de Júlio César (que dava o nome ao mês de julho), queria um mês com 31 dias para chamar de seu.

Doutor em História, o professor da UniSantos César Agenor Fernandes da Silva explica que não acontecem mais fatos trágicos em agosto, em comparação aos demais meses do ano, como sugere a crença popular. "Os fatos históricos marcantes estão distribuídos ao longo do ano", esclarece. "Se fomos pesquisar mês a mês, encontraremos episódios marcantes em julho, setembro, outubro...", completa.

Ao longo da história, foi se construindo a ideia de que é um mês capaz de causar mais arrepios do que os demais. Algumas coincidências colaboraram: é em agosto que a maioria das cadelas fica no cio, deixando os machos alucinados por uma relação sexual e aumentando a briga entre si, na disputa pela fêmea. E, nestes conflitos, o vírus da hidrofia (raiva) se propagava com mais facilidade. Daí a expressão "mês do cachorro louco". Não por acaso, a campanha de vacinação anti-rábica começa em... agosto.

Já a crença de que é um "mês de desgosto" vem de terras portuguesas, da época das grandes navegações e deriva da expressão "casar em agosto traz desgosto". As caravelas partiam para explorar novas terras nesta época do ano e então se dizia que a noiva que se casasse neste mês não faria lua-de-mel, pois o noivo partiria, com o risco de morrer e deixar a mulher viúva sem a noite de núpcias.



Fatos impactantes ocorrem em qualquer mês

O astrólogo George Ferreira Jorge, da Escola Santista de Astrologia, revela que ainda no século I os romanos acreditavam que agosto era um mês de maus presságios por serem que um dragão transitava pelo céu à noite: na verdade, era a constelação de Leão, mais visível nesta época do ano.

"Em agosto, estamos sob a influência do signo de Leão e Virgem e a representação é de que o Sol está no seu signo de regência, podendo, sim, manifestar acontecimentos mais sérios, mas também exaltar talentos e muita criatividade. Não podemos levar em consideração somente isso, pois existem muitos fatos em outros meses que são até piores", explica.

Ele esclarece que é possível ocorrer fatos impactantes

em qualquer mês, de acordo com o signo da pessoa. "Por exemplo, as pessoas de Capricórnio, Câncer, Áries e Libra do primeiro e segundo decanato estão atravessando uma fase de muita pressão e transformações pessoais e não nasceram em agosto. As de Touro, Leão e Aquário do primeiro decanato estão numa etapa de desapareço sem aviso prévio", explica.

George Ferreira destaca que haverá um eclipse solar no dia 11, no grau 18 do signo de Leão. "Desde a antiguidade, os eclipses eram vistos como prenúncios de catástrofes. Eles afetam o campo eletromagnético da Terra e, por isso, nas regiões geográficas que ocorrem desenrolam alguns problemas. Lembre o que ocorreu no ano passado em Miami, logo de-

pois do Eclipse ter acontecido por lá. O efeito de um Eclipse termina quando outro acontece. Podem ocorrer catástrofes naturais como terremotos, erupções vulcânicas e também crises maiores em governos".

Segundo ele, um eclipse tem efeitos distintos, de acordo com o signo da pessoa. "Tanto pode acentuar crises como também libertar de assuntos do passado. O astro Júpiter estará com aspectos desafiadores com esse Eclipse, o que significa que devemos ser moderados e buscarmos o equilíbrio nos próximos meses, pois a tendência será os excessos, o descomedimento nas palavras, nas negociações e até nos gastos, derivando em problemas judiciais sérios. Multas, taxas, erros, perda de foco".

Superstição

Doutora em Psicologia Social, Gisela Monteiro explica que a crença de que agosto é um mês nebuloso está escorada na superstição. "É uma relação de causa e efeito sem lógica nenhuma. Trevo de quatro folhas, pata de coelho, evitar gato preto... É usada para justificar coisas absolutamente injustificáveis. Mas se tudo fosse absolutamente racional e linear, a vida não ia ter graça", afirma.

"A superstição desconsidera, de fato, estatísticas ou a história, é uma fé em algo que não se pode provar. Se esta fé for intensa, toma-se uma verdade para quem a tem e pode noitear grande parte do comportamento de uma pessoa. Se o resultado é bom para ela, confirma a crença. Se não, pode-se argumentar que o comportamento supersticioso não foi devidamente feito, por isso o fracasso", argumenta.

Segundo ela, a superstição é uma forma de explicar e entender o inexplicável e incompreensível. Por exemplo: o ataque ocorrido em 11 de setembro vitimou pessoas que estavam no World Trade Center pela primeira vez e outras que trabalhavam lá não estavam na hora do evento porque se atrasaram. Como explicar a morte ou o salvamento inesperado dessas pessoas? Fé, cama, destino ou simplesmente acaso? Somos muito pouco tolerantes a aceitar que nossas vidas estão na mão do acaso. Encontra-se, então, explicações sem nenhuma lógica para suportar essa angústia. A angústia de não saber é das mais intoleráveis. As religiões, crenças e terapias alternativas sem comprovação científica entram nesse espaço", completa.

A psicóloga acredita que a fé e a superstição ajudam quando são praticadas como forma de apoio a um comportamento. "Não adianta acender vela ou carregar santinho no bolso para passar num concurso se você não estudar intensamente. A superstição excessiva aprisiona o indivíduo num mundo mágico, retirando-o da realidade e de suas dificuldades", finaliza.